



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E AGRÁRIAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**CAMILA MOTA DE FONTES**

**UM ESTUDO A RESPEITO DO ENSINO EM UMA ESCOLA DO CAMPO  
DURANTE UM ANO DE PANDEMIA**

Bananeiras

2021

**CAMILA MOTA DE FONTES**

**UM ESTUDO A RESPEITO DO ENSINO EM UMA ESCOLA DO CAMPO  
DURANTE UM ANO DE PANDEMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Pedagogia, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Nilvania dos Santos Silva

Bananeiras  
2021

Ficha Catalográfica elaborada na Seção de Processos Técnicos  
Biblioteca Setorial de Bananeiras - UFPB/CCHSA  
Bibliotecária-Documentalista: Bruna Morais – CRB 15/813

F683e          Fontes, Camila Mota de

Um estudo a respeito do ensino em uma escola  
do campo durante um ano de pandemia / Camila  
Mota de Fontes – Bananeiras: [s.n], 2021.

47 f.

Orientador:. Nilvania dos Santos Silva.  
Monografia (Licenciatura em Pedagogia)  
UFPB/CCHSA.

1. Escola de campo. 2. Ensino na pandemia. 3.  
Singularidade rural. I. Silva, Nilvania dos Santos.  
II. Universidade Federal da Paraíba. III. Centro de  
Ciências Humanas, Sociais e Agrárias. IV. Título.

UFPB/CCHSA/BS

CDU 37 (043)

**CAMILA MOTA DE FONTES**

**UM ESTUDO A RESPEITO DO ENSINO EM UMA ESCOLA DO CAMPO  
DURANTE UM ANO DE PANDEMIA**

Monografia apresentada e aprovada em 13/07/2021, para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, na Universidade Federal da Paraíba, Campus III, Departamento de Educação.

**BANCA EXAMINADORA**

*Nilvania dos Santos Silva*

---

Prof(a). Dr(a) Nilvania dos Santos Silva – DE/CCHSA/UFPB  
Orientadora

*Ana Cláudia da S. Rodrigues*

---

Prof(a). Dr(a) Ana Cláudia da Silva Rodrigues –  
DFE/CE/UFPB  
Examinador(a)

*Luciclea Teixeira Lins*

---

Prof(a). Dr(a) Luciclea Texeira Lins – DE/CCHSA/UFPB  
Examinador(a)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me guiado durante todo esse percurso da minha vida acadêmica, por ter me acalmado, ter segurado minhas mãos quando por questão de segundos pensei em desistir, por toda sabedoria e discernimento nas minhas escolhas.

Agradeço também aos meus pais e padrinhos, a minha mãe Ednéa Mota de Fontes, ao meu pai Antônio Anjos de Fontes, a minha mãe/madrinha Salomé Mata de Fontes e ao meu pai/padrinho Francinaldo Anjos de Fontes, por todo apoio que me foi dado durante esses quatro anos, por nunca terem soltado minha mão, a cada palavra de carinho e apoio.

Aos meus irmãos Alex Mota de Fontes, Bianca Mata de Fontes e Marcos Mata de Fontes, pelo carinho, por sempre estarem ao meu lado mesmo nos meus momentos de estresse que a Universidade me doou nesse tempo.

A meu primo/irmão Edson Mata de Oliveira, que me ajudou em vários momentos da minha vida, e que esteve e está sempre próximo a mim em qualquer situação.

A minha prima Ana Clara Fontes da Silva, por todo apoio, conversas, compartilhamentos, ajudas que nos leva a tentar ser cada vez melhor.

A todos da minha enorme família que me faz sentir a pessoa mais sortuda desse mundo, por ter a minha volta tantas pessoas maravilhosas e cheias de amor, estresse, ternura, ignorância, carinho, lerdeza, inteligência e muita, muita, muita alegria, cada um desses adjetivos é o que faz essa família (Anjos, Fontes, Mata) perfeita.

A minha amiga e parceira Erinalva Barbosa Franco, por me aturar nos estágios da vida, por sempre estar presente quando preciso, pelas palavras de apoio e carinho.

A minha parceira de todas as horas Maria Gabriela Pereira Ribeiro, pelos nossos diálogos e por todo o companheirismo nas idas e vindas da Universidade.

A toda a turma do maravilhoso, divertido e complicado ônibus, por todos os momentos que refletimos, choramos e rimos, da vida universitária.

Aos meus amigos, que a Universidade me oportunizou a conhecer e fazer parte da minha vida, as nossas brincadeiras, alegrias, troca de saberes, que contribuiu para que chegássemos nesse momento.

A minha orientadora, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Nilvania dos Santos Silva, por todo carinho, dedicação, compreensão, por ser essa pessoa maravilhosa que faz tudo e todos brilharem ainda mais ao seu lado, obrigada pela oportunidade de me fazer parte de um grupo, de uma família tão valiosa que é o NEMDR, que me fez aprender e crescer ainda mais nesses anos

dentro do campus. Obrigada por ter feito eu fazer parte da Assessoria de Extensão, que me fez conhecer pessoas valiosas que vou levar para toda minha vida. Obrigada também por sua maravilhosa prática docente, que me fez querer ser uma psicopedagoga e com o tempo despertou em mim a vontade de conhecer e trabalhar com a educação do campo.

A Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Catarina de Medeiros Bandeira, por ter acreditado e confiado em mim durante o tempo que passamos na Assessoria de extensão.

A melhor pessoa, com o melhor coração e as melhores conversas, Ana Paula Augusta da Silva Fernandes, agradeço por todo acolhimento, carinho, palavras de sabedoria, brincadeiras, por confiar em mim, durante todo o período que compartilhamos na Assessoria de Extensão.

A todos os demais professores do Curso de Licenciatura em Pedagogia, que tive o prazer de conhecer e que colaboraram no meu processo de aprendizagem.

A Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Cláudia da Silva Rodrigues e a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lucicléa Texeira Lins, por terem aceitado o convite para examinar este trabalho, obrigada pela leitura, apreciação e colaboração.

A todos que fazem parte do Núcleo de Extensão para o Desenvolvimento Rural – NEMDR, membros internos, externos, pelo companheirismo, carinho e convivência.

*É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (Freire, 2019, p.25).*

## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar as dificuldades no ensino relacionado à prática pedagógica, em 2020, dos professores da escola no campo Severino Pereira de Melo. Temos como intenção discorrer como as mudanças que ocorreram neste presente ano devido a pandemia da Covid-19, a qual dificultou a forma de ensino dos professores numa escola campesina. Essa temática surgiu em uma grande relevância para o pesquisador, por conta, de experiências anteriores vividas com amigos e familiares que moram em áreas campesinas, como também por vivências no (NEMDR) Núcleo de Extensão Multidisciplinar para o Desenvolvimento Rural, com projetos de pesquisa, ensino e extensão em escolas localizadas no campo. Usamos para a pesquisa o método indutivo, com abordagem qualitativa, de caráter exploratória, tendo como instrumento de coleta de dados a análise documental de materiais (atividades impressas) e a entrevista semiestruturada com as professoras da escola. Para auxiliar na análise dos dados coletados durante a pesquisa, utilizamos como fundamentos teóricos autores como Caldart, Brasil, Freire, Silva. Nos resultados, analisamos as imagens de atividades enviadas. Como elas levam em consideração a realidade dos sujeitos campesinos? Oportunizaram um aprendizado significativo de maneira contextualizada? De forma que se adequem os conteúdos a realidade dos sujeitos. O que não tem sido um trabalho fácil devido à falta de contato entre professor e aluno e a falta de recursos digitais, para que ocorresse essa troca. Ainda como resultados, Após a entrevista com as professoras, que ocorreu pela plataforma Google Meet, percebeu-se que estão enfrentando dificuldades com as recentes mudanças no ensino devido a pandemia da Covid-19 e como afetou suas ações, pois, encontram grandes dificuldades, não tendo um contato pessoal com as crianças o que não permite trabalharem com as reais necessidades, o ensino remoto/virtual que não acontece, o não retorno de atividades, falta e/ou excesso de ajuda para as crianças, salas multisseriadas, falta de formações para a realidade campesina. Essa pesquisa nos proporcionou uma grande reflexão sobre a construção das práticas pedagógicas que devemos ter para nossas futuras ações dentro desse campo, a formação acadêmica é fundamental, mas ela é só o começo, como sujeitos formadores devemos sempre estar em constantes formações, para que nos tornemos exemplos e motivadores de mudança dentro de qualquer espaço, seja ela escolar ou não.

**Palavras-chave:** Escola no Campo. Ensino na Pandemia. Singularidades do Rural.

## ABSTRACT

This study aims to analyze the difficulties in teaching related to pedagogical practice, in 2020, of school teachers in the Severino Pereira de Melo countryside. We intend to discuss the changes that occurred this year due to the Covid-19 pandemic, which made it difficult for teachers to teach in a peasant school. This theme emerged in great relevance for the researcher, due to previous experiences with friends and family who live in rural areas, as well as experiences in the (NEMDR) Multidisciplinary Extension Nucleus for Rural Development, with research projects, teaching and extension in schools located in the countryside. For the research, we used the inductive method, with a qualitative approach, of an exploratory nature, having as a data collection instrument the documental analysis of materials (printed activities) and the semi-structured interview with the school teachers. To assist in the analysis of data collected during the research, we used authors such as Caldart, Brazil, Freire, Silva as theoretical foundations. In the results, did we analyze the images of activities sent and how do they take into account the reality of rural subjects? Did they provide opportunities for meaningful learning in a contextualized way? In order to adapt the contents to the reality of the subjects. What has not been an easy job due to the lack of contact between teacher and student and the lack of digital resources for this exchange to occur. Also as a result, After the interview with the teachers, which took place through the Google Meet platform, it was noticed that they are facing difficulties with the recent changes in education due to the Covid-19 pandemic and how it affected their actions, as they face great difficulties, not having personal contact with the children, which does not allow them to work with their real needs, remote/virtual teaching that does not happen, non-return to activities, lack and/or excess of help for the children, multigrade classrooms, lack of training for the peasant reality. This research provided us with a great reflection on the construction of pedagogical practices that are/must have for our future actions within this field, academic training is fundamental, but it is just the beginning, as formative subjects we must always be in constant training, to that we become examples and motivators of change within any space, whether it is school or not.

**Keywords:** School in the Country. Teaching in the Pandemic. Rural singularities.

## LISTA DE QUADROS

<b>Figura 1</b> - Atividade de Ciências Naturais.....	25
<b>Figura 2</b> - Atividade de Geografia.....	26
<b>Figura 3</b> - Atividade de Matemática e Educação Física.....	27
<b>Figura 4</b> - Atividade de História.....	28
<b>Figura 5</b> - Atividade de matemática da educação infantil.....	29

## **LISTA DE SIGLAS**

CCHSA – Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias

CNE – Conselho Nacional de Educação

DE – Departamento de Educação

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

NEMDR – Núcleo de Extensão Multidisciplinar para o Desenvolvimento Rural

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

## SUMÁRIO

RESUMO .....	8
ABSTRACT .....	9
LISTA DE QUADROS .....	10
LISTA DE SIGLAS .....	11
1 INTRODUÇÃO .....	13
1.1 LEVANTAMENTO TEÓRICO METODOLÓGICO DO ENSAIO .....	15
2 A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO CAMPESINA E A FORMAÇÃO DOCENTE .....	19
3 UM ESTUDO DOCUMENTAL ACERCA DA PRÁTICA EDUCATIVA .....	24
4 UM DIÁLOGO SOBRE AS DIFICULDADES DIDÁTICO PEDAGÓGICAS DE PROFESSORAS DE UMA ESCOLA RURAL .....	31
MINHAS CONSIDERAÇÕES .....	41
REFERÊNCIAS .....	43
APÊNDICE A – Roteiro de entrevista .....	45
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	46

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo surgiu através de diversos fatores que contribuíram para a escolha do tema educação no campo. O interesse pela temática teve início com uma vivência familiar em localidades campestres, familiares e amigos que vinham de sítios para estudar na área urbana, professores que viviam e trabalhavam nas redondezas dos sítios, experiências na Universidade com professores, projetos, em escolas campestres, tornou essa pesquisa ainda mais relevante. Ao levantar esses pontos é importante ressaltar que as experiências adquiridas na Universidade com relação a educação do campo ocorreram a partir da participação no (NEMDR) Núcleo de Extensão Multidisciplinar para o Desenvolvimento Rural. O núcleo abrange projetos de Ensino, Pesquisa e Extensão, onde ele promove ações em comunidades campestres nas cidades ao redor do Campus III – CCHSA (Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias).

A educação para o campo como um direito de todos, passou e passa por diversos conflitos para conseguir ser reconhecida e ter um espaço dentro das políticas por um ensino de qualidade para a população campestre. A Lei de Diretrizes e Bases – LDB de 1996, veio como um avanço para a educação do mundo rural, que começou a ser identificada enquanto modalidade de ensino, mesmo com essa conquista vemos ao passar dos anos diversas batalhas dos povos campestres para fortalecer uma educação que considerem a todos, não só apenas um determinado povo, região, classe, Rodrigues e Bonfim (2017, p. 1374) colocam que,

A Educação do campo é uma modalidade de ensino que tem como objetivo a educação de crianças, jovens e adultos que vivem no campo. Portanto, trata-se de uma política pública que possibilita o acesso ao direito à educação de milhares de pessoas que vivem fora do meio urbano e que precisam ter esse direito garantido nas mesmas proporções em que é garantido para a população urbana.

As escolas campestres apresentam realidades, experiências, vivências próprias daquelas das situadas nas áreas urbanas. O que pode e deve ser oferecido é uma educação de qualidade que valorize as particularidades desses sujeitos, pois segundo Silva; Santos; Pereira, (2018, p. 51) “A educação do Campo traz consigo características muito próprias, pois se considera o local onde esta se insere e as características de povo que a constitui, não podendo ser vista como uma escola igual a todas as outras”. Assim, podemos observar o quão a escola campestre é necessária para a vida de crianças, pais e toda comunidade, sendo esta uma importante construtora de conhecimento, experiências, significados.

Olhar hoje para as poucas escolas campesinas existentes no Brasil é algo que traz certa revolta, depois de tantas lutas, reivindicações, mobilizações, para que as escolas do campo sejam reconhecidas, as mesmas estão sendo fechadas em políticas como a de nucleação sem a menor consideração por parte dos governos para com aquela população, preferem superlotar as escolas urbanas do que manter as escolas rurais, justificam que seria gastos desnecessários com uma escola com pouco rendimento, Silva; Santos; Pereira, (2018, p. 51) “Nos últimos anos, devido à diminuição da população rural, as escolas do Campo passaram a ser vistas como sinônimo de atraso, de baixo rendimento e de gastos desnecessários do dinheiro público, sendo a maioria delas fechadas e os alunos destinados a outras instituições”. O que podemos observar é que mesmo depois de tantas lutas para conquistar/ter um espaço da educação para os povos do mundo rural na LDB, como em outros documentos, na prática não se conseguiu uma estabilidade dentro dos modelos educacionais, o que reflete na aprendizagem dos sujeitos, como também na prática educativa dos professores envolvidos.

O professor além de tudo tem que lidar com a dualidade de uma escola que se localiza no campo, que muitas vezes está não tem o ensino voltado para os povos do campo. O que acontece infelizmente com muita frequência, as escolas embora estejam no campo não tem um currículo contextualizado, adotado para as especificidades, singularidades daquela população, Silva, (2018, p. 29) afirma que “as práticas educativas devem ser organizadas no interior das instituições com a participação dos professores, alunos, comunidade, enfim ressignificando conteúdos e metodologias aplicadas tendo em vista as demandas educacionais de cada comunidade”. Porém, o que acontece é apenas uma extensão do currículo das escolas urbanas levando o mesmo conteúdo da cidade, o ensino é vindo de fora para dentro.

Por essa razão, que se faz necessário neste momento de um trabalho de conclusão de curso, como parte de estudos, contribuir na medida do possível com uma formação inicial dos educadores, principalmente aos educadores que atuam nas escolas campesinas, pois estes lidam diariamente num ambiente cheio de peculiaridades, com turmas multisseriadas, poucos recursos, falta de materiais contextualizados e agora com acesso reduzido a educação devido a política de fechamento das escolas campesinas. A presente pesquisa buscará demonstrar a partir da análise documental e da entrevista estruturada, relatos pessoais de professores de uma escola situada no campo, como também fundamentos teóricos de alguns autores que falam sobre o tema como Caldart (2012), Brasil (2002), Silva (2018), que trazem uma abordagem mais ampla das dificuldades encontradas nas escolas campesinas. Embasando a

presente pesquisa buscaremos responder a seguinte problemática: Como a pandemia da Covid-19 impactou o ensino dos professores da escola do campo Severino Pereira de Melo?

A presente pergunta nos questiona a alcançar o seguinte objetivo geral: Analisar as dificuldades no ensino com relação a prática pedagógica dos professores da escola no campo Severino Pereira de Melo, localizado na área rural do município de Bananeiras, conhecido como sítio Laranjeiras. Como também os objetivos específicos: Identificar o cotidiano da escola campesina e sua importância para a comunidade e os sujeitos envolvidos; Apontar como a mudança em virtude do Covid-19 afetaram o sistema de ensino e a prática pedagógica dos professores; Identificar as ações de ensino realizadas na escola e sua consideração com a realidade dos sujeitos campesinos. Buscaremos a partir de entrevista os relatos dos professores, a análise documental de materiais utilizados por eles e fundamentos teóricos de alguns teóricos que falam sobre o tema, uma abordagem mais ampla das dificuldades encontradas nas escolas campesinas.

## **1.1 LEVANTAMENTO TEÓRICO METODOLÓGICO DO ENSAIO**

Como uma forma de conhecer e assim chegar ao objetivo desta pesquisa utilizamos do método científico indutivo, Severino (2013, p. 76) aborda que “é uma forma de raciocínio em que o antecedente é dado e fatos particulares e o conseqüente uma afirmação mais universal. Na realidade, há na indução uma série de processos que não se esquematizam facilmente”. Com isso, para possibilitar a sua realização utilizamos a pesquisa exploratória que segundo Gil. (2002, p. 41),

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

Para tanto, de acordo com a Secretaria de Educação, dentre as trinta e duas (32) escolas do município da cidade de Bananeiras-PB, apenas cinco (5) se localizam na cidade, sendo duas (2) creches entre elas, as demais vinte e sete (27) escolas estão localizadas em áreas rurais sendo duas (2) creches. Este estudo realizou-se com participantes da escola Municipal de Ensino Fundamental Severino Pereira de Melo, localizado numa área rural conhecida como sítio Laranjeiras. A escolha do lócus, e das professoras para ocorrer essa pesquisa, levou em conta a relação de proximidade da pesquisadora com a comunidade em

que a escola é inserida, como também ao fato dela está realizando em 2020.2, o estágio supervisionado em Educação do Campo do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFPB – CCHSA.

O presente trabalho procurará demonstrar as experiências vivenciadas por professoras em uma escola localizada no campo, em meio a COVID-19. Para esta pesquisa fizemos o uso da análise documental de materiais (atividades impressas) utilizadas por elas, como também seus relatos mediante entrevista, seguindo um roteiro previamente elaborado (ver apêndice A), no qual buscamos identificar as mudanças que ocorreram na sua atuação e as dificuldades pedagógicas que enfrentam diariamente para consolidar uma educação que garanta a seu alunado aprendizados significativos para o viver em sociedade. Assim, para proceder a pesquisa tivemos que fazer algumas modificações devido ao avanço da pandemia do novo coronavírus – COVID-19.

Na busca por um aprofundamento maior nessa pesquisa contamos com uma abordagem qualitativa, logo que esta busca mostra o porquê, os fatos, do objeto estudado sem focar em números/quantificação, pois possuem diferentes formas de compreender/abranger o tema estudado, Gerhardt e Silveira, (2009, p. 33),

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria.

Para isto, devido a pandemia da Covid-19, como uma forma para melhor compreendermos as relações, as ações, entre os sujeitos, utilizamos entrevistas online para a coleta de dados devido às restrições de distanciamento. Foram entrevistadas as duas professoras contratadas dessa escola, ambas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Apêndice B), elaborado por nós e em respeito as questões éticas da pesquisa. Através da plataforma digital GoogleMeet, levantamos alguns questionamentos referentes a sua atuação. Prodanov (2013, p. 106) coloca como uma das técnicas de pesquisa a entrevistas semiestruturadas que “não existe rigidez de roteiro; o investigador pode explorar mais amplamente algumas questões, tem mais liberdade para desenvolver a entrevista em qualquer direção. Em geral, as perguntas são abertas”. Assim sendo, seguiremos um roteiro pré-elaborado, porém durante a entrevista pode surgir novas perguntas.

Na busca para melhor identificar os objetivos propostos também usamos a análise documental que segundo Severino, (2013, p.106-107)

tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais. Nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise.

Como ressaltado a pesquisa documental parte da visão do pesquisador sobre o objetivo proposto, elaborando sua análise através do material utilizado. Nesta pesquisa analisamos as atividades desenvolvidas pelas professoras para os sujeitos camponeses, com intuito de verificarmos quais as dificuldades encontradas pelas mesmas em meio esse momento atípico causado pela pandemia, em que tiveram que modificar suas ações pedagógicas, e se adaptar a atual realidade que estamos vivendo.

Buscamos por meio do estudo de caso que afirma Gil, (2002, p. 54) “Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”. A análise busca está embasada numa bibliográfica, a qual, como ressalta Gil. (2002, p. 44),

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas.

Procuramos partir da pesquisa bibliográfica para aprimorar a descrição e análise, de forma a atribuir ao presente trabalho um maior entendimento e compreensão, e com isso oportunizar um estudo mais profundo do tema e objetivos propostos.

Este trabalho está organizado em três capítulos e as considerações finais.

O segundo capítulo intitulado, **A construção de uma educação camponesa e a formação docente**, aborda o percurso histórico que a educação do campo passou para ser vista como modalidade de ensino e como esta educação modificou as práticas pedagógicas dos professores, também, descrevemos os procedimentos metodológicos utilizados durante esta pesquisa.

O terceiro capítulo intitulado, **Um estudo documental acerca da prática educativa**, mostrara algumas figuras de atividades realizadas pelas professoras da pesquisa, onde as analisamos e abordamos um pouco sua consideração com a realidade dos sujeitos camponeses.

O quarto capítulo intitulado, **Um diálogo sobre as dificuldades didático pedagógicas de professoras de uma escola rural**, relatamos as experiências e as impressões das professoras com relação as práticas pedagógicas e as dificuldades no ensino devido a pandemia da Covid-19.

Por fim, apresentamos as considerações do nosso estudo, atentando-nos que este trabalho é apenas o começo de possíveis pesquisas futuras.

## 2 A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO CAMPESINA E A FORMAÇÃO DOCENTE

Espera-se enquanto formadores, é que todas as escolas do mundo rural adotem, obedecendo a legislação a educação do/no campo, já que está vem desde muito tempo sendo alvo de discussões sobre sua importância para os moradores rurais. Isso porque a escolarização no meio rural ainda sofre com as desigualdades existentes, por muito tempo observado, até mesmo pelos próprios camponeses, os quais, alguns, ainda ligados à uma consciência ingênua tem aquele pensamento de que para trabalhar no campo, na terra, não necessitam de estudos.

Essa, perspectiva, enraizada, pode ser modificada a partir do momento em que os trabalhadores rurais com o advento da industrialização, necessitam saber ler e escrever para terem a oportunidade de emprego nas grandes indústrias, ocasionando assim no êxodo rural, “A população que antes se concentrava no campo migrou para a cidade em busca de trabalho, já que a Guerra prejudicou o comércio de produtos agrícolas e produziu uma crise no campo. O resultado foi uma alteração no processo econômico brasileiro” (MARINHO, 2008, p. 61). A partir dessa crise no campo, surgiu uma iniciativa de educação partindo principalmente de grandes fazendeiros para manter esses trabalhadores/mão-de-obra no campo e não perder mais terras para as indústrias tentando assim conter seu avanço, o que deu início ao Ruralismo Pedagógico instruindo os homens da zona rural na tentativa de fixá-los no campo (MARINHO, 2008).

O intuito inicial não era educar os camponeses, mas sim que continuassem no campo onde eram mão de obra barata, não era intenção desenvolver para esses povos um pensamento crítico. As tentativas que ocorreram para manter o sujeito no campo de certa forma se enraizou em grande parte da população incluindo os próprios camponeses e continuam presentes em uma maioria até hoje, eles próprios desprestigiem o ensino no campo, muitos consideram que o bom ensino é o da cidade, uma vez que, o que é oferecido a essa população nada mais é do que a continuação do seu trabalho com a agricultura necessário para seu sustento. Um ensino que não leva em conta as características dos sujeitos camponeses é apenas uma continuidade dos conteúdos das escolas da cidade. O que ocorre com esse ensino introduzido de cima para baixo, leva muitas vezes os alunos a desistirem de estudar, já que os conteúdos propostos não fazem parte da sua realidade, do que conhecem, daí a necessidade de uma educação contextualizada, pensada nessa e para essa população.

Procuraremos colaborar, em parte, para que a educação nas localidades camponesas deixe de ser uma educação urbana adotada no rural e que passe a ser introduzido nesse ambiente uma educação voltada para o sujeito do campo. As mudanças para uma educação do/no campo só começaram a ser vista a partir da luta, mobilizações da sociedade e dos movimentos sociais em especial o MST (Movimento Social dos Trabalhadores rurais sem Terra), que procuravam uma educação que abrangesse as especificidades da população camponesa, Caldart (2008, p. 46) aponta que,

A Educação do Campo nasceu como mobilização/pressão de movimentos sociais por uma política educacional para comunidades camponesas: nasceu da combinação das lutas dos sem-terra pela implantação de escolas públicas nas áreas de reforma agrária com as lutas de resistência de inúmeras organizações e comunidades camponesas para não perder suas escolas, suas experiências de educação, suas comunidades, seu território, sua identidade.

A Lei de Diretrizes e Bases - LDB de 1996, apresentou um avanço com relação a educação, pode-se observar que as políticas públicas começam a dar um espaço para a Educação Rural, em seu artigo 28 coloca que,

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

- I- Conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II- Organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- III- Adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL, 1996)

A LDB traz em seu artigo 28 a oferta de uma educação considerando as necessidades dos povos camponês, que as propostas pedagógicas elaboradas levem em conta as singularidades dos sujeitos, onde os conteúdos, a organização da escola se adequem a sua realidade. Ainda se tratando das necessidades do camponês, os movimentos sociais foram/são de grande importância para as mudanças na educação camponesa, pode-se ver a repercussão de suas lutas em algumas ações governamentais voltadas para essa população, Silva (2018, p. 35) relata,

Tais como a realização de duas Conferências Nacionais por uma Educação do Campo, em 1998 e 2004; a aprovação do Conselho Nacional de Educação (CNE), das Diretrizes Operacionais para A Educação Básica nas Escolas do Campo, em 2002, e das Diretrizes Complementares, Normas e Princípios para o desenvolvimento de Políticas Públicas de atendimento da Educação Básica do Campo, em 2008 e do Decreto Presidencial de 2010.

Dentre esses documentos normativos, destacamos a importância que as lutas dos movimentos sociais tiveram na instituição das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica do Campo de 2002, o documento procura apontar em sua resolução elementos para que escolas se orientem na construção dos seus projetos institucionais, trazendo as suas peculiaridades/identidade da população rural.

De acordo com as Diretrizes Operacionais para a Educação do Campo, parágrafo único:

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país (BRASIL, 2002, p. 1).

Embora tenhamos conquistado entre as políticas públicas um espaço para a educação da população rural, ainda há um longo caminho a percorrer para que as algumas das propostas públicas que alcançamos a partir das lutas do movimentos sociais sejam implementadas. Ainda sofrem com a ausência de efetiva prática e, de reconhecimento das realidades dos sujeitos que habitam no campo. O que vemos aqui, é que está nem sempre acontece, ficando apenas no “papel”, pois o que se tem na prática é uma educação reproduzida das escolas urbanas, sem nenhuma ligação com o universo camponês. Sobre as políticas com relação a educação do campo, Pacheco e Piovesan (2014, p. 48,49), expressam que elas devem levar em consideração,

O quão importante é reunir em momentos de reflexão e debate todos os envolvidos no processo educacional, para que, olhando a própria realidade seja possível pensar uma educação real, que seja significativa para cada espaço, tendo em vista que a diversidade de cultura, de vivência, de esperança, de crença, de produção e de desenvolvimento está contida nesse espaço educativo no qual os sujeitos do campo constituem suas identidades, reforçando as singularidades do seu viver.

Essa deve ser a base para uma educação de qualidade, para uma escola que atende aos sujeitos do mundo rural leve em conta as experiências, a cultura, a identidade, os conhecimentos dos sujeitos que vivem no campo, são a partir da prática sabendo organizar, produzir, os conhecimentos trazidos pelos alunos que a educação do/no campo se torna significativa e de grande aprendizado para esses sujeitos camponeses. Assim, valorizar suas especificidades, seu habitat para a elaboração de um ensino - aprendizagem contextualizado em sala de aula, utilizando materiais que vão muito além dos que encontramos nos livros didáticos (SILVA, 2018).

O professor muitas vezes se depara com a realidade do/no campo sem nunca ter tido algum tipo de experiência ou um estudo voltado para esse ambiente. Silva (2018, p. 26) nos diz que “um professor que é formado no meio urbano para atuar no meio urbano, não tem subsídios necessários para articulação dos saberes próprios do campo, com os saberes científicos”. Grande parte dos professores são formado no meio urbano não tendo as vezes nenhuma experiência em uma escola no/do campo, tornando-se um desafio para esse professor adaptar-se a um local cheio de vivências, culturas, identidades diferentes da que está acostumado, o que ocasiona uma ruptura na educação dos alunos, já que esse educador não conhece as particularidades desses sujeitos, o que Bonamigo, (2007, p. 49) diz,

Para uma educação do campo que atenda aos interesses do povo do campo, além de uma escola onde moram, adequação curricular, gestão democrática e participativa da comunidade escolar, novas metodologias e processos de avaliação, faz-se necessário educadores que também vivam intensamente a cultura do campo, que sejam preparados e qualificados para dar conta desse novo processo vivido e construído a partir do campo.

Necessitamos ter professores formados na área em que atuam sempre estejam em constante aperfeiçoamento, para que sua prática educativa contemple tanto o campo como o camponês, Caldart, (2012, p. 264) “os educadores são considerados sujeitos fundamentais da formulação pedagógica e das transformações da escola. Lutas e práticas da Educação do Campo têm defendido a valorização do seu trabalho e uma formação específica nessa perspectiva”. Pensar numa educação de qualidade e que garanta a todos um aprendizado significativo é o que deve embasar esse professor a procurar atender as especificidades do seu alunado, nessa perspectiva, vemos a importância da formação continuada para os professores,

em especial aos que trabalham no campo, pois as vivências são diferentes e saber lidar com aquela realidade torna seu ensino ainda mais significativo.

A educação vivida no campo lida diariamente com diversas dificuldades para que seu ensino seja consolidado, a falta de infraestrutura das escolas que muitas vezes se encontram sucateadas, não terem materiais didáticos contextualizados para sua realidade. Não tem professores qualificados para atuar no campo, entre outras coisas ausentes para essa educação. Além de tudo, tentam resistir as políticas de fechamento das escolas do campo, Oliveira; Campos, (2012, p. 243) discorre que,

[...] Por parte dos sistemas estaduais e municipais de ensino, permanece a política de fechamento das escolas do campo, por meio da nucleação e da oferta de transporte dos educandos para escolas urbanas. Essa política já foi reiteradamente criticada e condenada pelo MEC, [...] visto que contribui para a evasão, a repetência e a distorção série idade, na medida em que as viagens realizadas pelos estudantes de casa até a escola são cansativas, constituindo-se em fator de desistência. [...] Vários estudiosos vêm denunciando a nucleação de escolas como responsável pela dificuldade de acesso, de inclusão e de permanência dos jovens e crianças do campo nas escolas.

O fechamento das escolas campesinas acaba prejudicando ainda mais a educação dos sujeitos que ali vivem, isso porque, muitos já têm dificuldades de frequentar escolas próximas, seja pelo acesso, ou por estarem ajudando os pais na agricultura familiar, no momento que esse percurso aumenta, tendo que muitas vezes utilizar transporte para ir a outra escola, os alunos até mesmo os próprios pais preferem optar por não estudar já que esse percurso seria exaustivo e não se encaixaria na sua realidade, provocando assim a desistência dos alunos da escola.

### 3 UM ESTUDO DOCUMENTAL ACERCA DA PRÁTICA EDUCATIVA

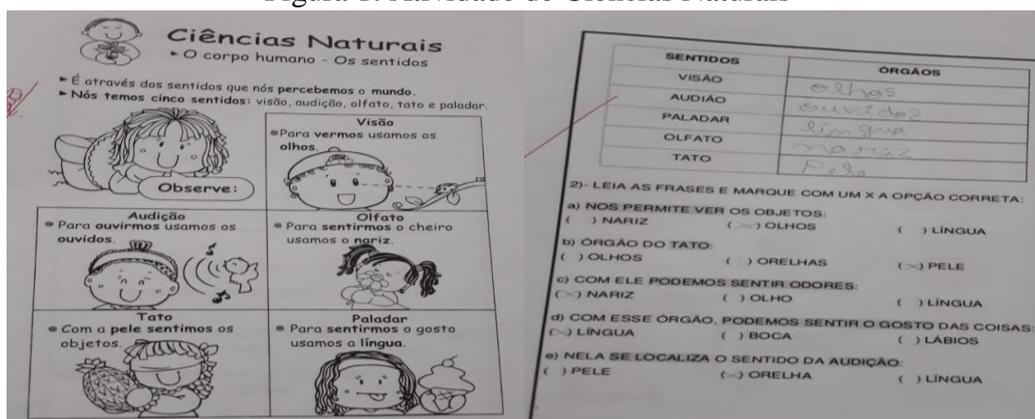
Ao longo dos anos vimos como a educação vem passando por diversas batalhas para constituir-se uma educação de qualidade para todos, nesse percurso, as divergências existentes abrangem diretamente na educação voltada aos povos camponeses, fazendo com que materiais didáticos que deveriam ter na escola contextualizados para sua realidade não disponham. A existência de documentos normativos como as diretrizes para a educação do campo, embora contenham normas/regras para ser instituído nas escolas não se concretizam, isso porque muitas vezes o ensino nas escolas camponesas não priorizam o sujeito, sua realidade, mas sim, reproduzem apenas os conteúdos que são realizados nas escolas urbanas.

Nesta perspectiva, nessa etapa do estudo realizamos uma análise documental de atividades preparadas pelas professoras, as imagens nos foi cedida via WhatsApp, como já retratado, devido a pandemia não tivemos como ter acesso presencial as mesmas. As atividades que foram analisadas são das duas únicas turmas existentes na escola, ambas são multisseriadas sendo uma sala da educação infantil (maternal, pré I e pré II), a outra da educação fundamental do (1º, 2º e 3º ano). Joly (1994, p.48) relata que,

[...]interpretar e analisar uma mensagem, não consiste certamente em tentar encontrar uma mensagem preexistente, mas em compreender que significações determinadas mensagem, em determinadas circunstâncias, provoca aqui e agora, sempre tentando distinguir o que é pessoal do que é coletivo. Com efeito, são necessários limites e pontos de referência para uma análise. Estes pontos de referência poderemos precisamente procurá-los nos pontos comuns que a minha análise pode ter com a de outros autores comparáveis a mim.

Sendo assim, seguiremos expondo algumas imagens, onde procuramos analisar se elas levam em consideração a realidade dos sujeitos camponeses, trabalhando de forma contextualizada para que as crianças obtenham um aprendizado significativo.

Figura 1: Atividade de Ciências Naturais

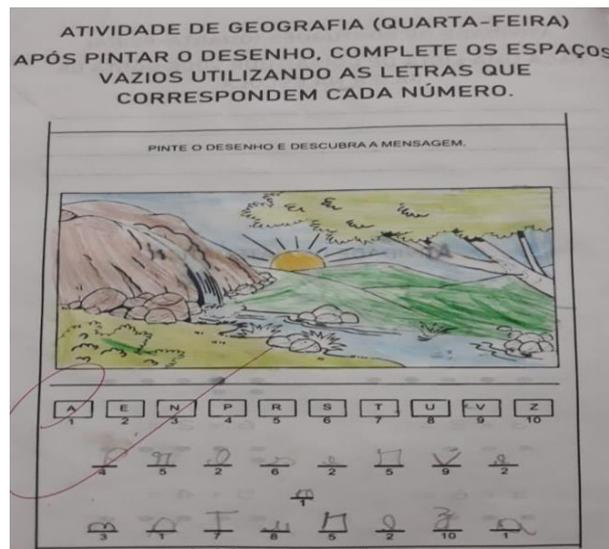


Fonte: Dados da pesquisa (2021)

A figura número 1, apresenta uma atividade do ensino fundamental (1º, 2º e 3º ano) de Ciências naturais, abordando o tema o corpo humano onde a professora buscou trabalhar os sentidos, na primeira folha a esquerda ela mostra exemplos dos cinco sentidos (visão, audição, olfato, tato e paladar), com imagens ilustrativas para ajudar as crianças a entenderem cada um. Na segunda folha a direita a professora traz questões referente aos sentidos para as crianças responderem, identificando de qual sentido se trata. Observamos que a professora tentar levar nas atividades ilustrações para ajudar um pouco as crianças, como se trata de uma turma multisseriada buscar imagens que auxiliem nesse processo de aprendizagem é importante já que não se sabe em que nível de conhecimento estão as crianças, as imagens podem colaborar significativamente para elas possam compreender do que o assunto se trata. A professora pode abordar as peculiaridades de cada um e assim também trabalhar o respeito mútuo, tão importante principalmente de uma turma multisseriada, visto que, o professor deve ser esse auxiliador no processo de conhecimento do mundo da criança, mostrando as diversidades existentes entre todos, inclusive no mundo rural. Como retratado nas Diretrizes Operacionais para a Educação do Campo, em seu Art.13, Inciso I e II,

- I - estudos a respeito da diversidade e o efetivo protagonismo das crianças, dos jovens e dos adultos do campo na construção da qualidade social da vida individual e coletiva, da região, do país e do mundo;
- II - propostas pedagógicas que valorizem, na organização do ensino, a diversidade cultural e os processos de interação e transformação do campo, a gestão democrática, o acesso ao avanço científico e tecnológico e respectivas contribuições para a melhoria das condições de vida e a fidelidade aos princípios éticos que norteiam a convivência solidária e colaborativa nas sociedades democráticas.

Figura 2: Atividade de Geografia



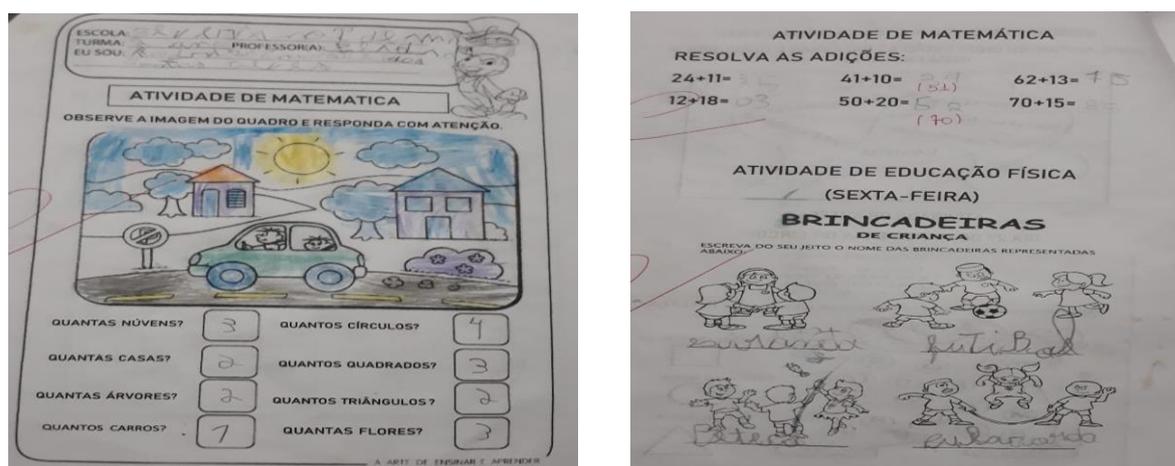
Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Na figura 2, temos outra atividade do ensino fundamental (1º, 2º e 3º ano) de geografia, que pede para os alunos pintar o desenho e em seguida completar os espaços vazios utilizando as letras que corresponde cada número. Observamos que a professora procurou uma atividade que tem aspectos de um pouco da realidade das crianças onde traz a imagem de um belo campo com montanhas, árvores, riacho, pedras, elementos que podem ser familiares as crianças, fazendo elas associar aquela natureza com a sua localidade. A imagem trazida pela professora pode não ser e/ou estar de acordo com o ambiente campo/rural hoje que conhecemos, que ouvimos falar, as mudanças principalmente econômicas que vem ocorrendo com o passar dos anos, em especial em áreas campesinas, modificou esse local, o que antes era composto por comunidades familiares com sua renda baseada na agricultura familiar, está se tornando um espaço para o crescimento do agronegócio, os belos campos com grandes árvores, rios, animais, estão perdendo espaço para plantações de grandes produtores. Silva, (2018, p. 31) nos diz que,

[...] as condições de trabalho no campo, fortemente alavancadas pelo agronegócio que promove uma mercantilização crescente da agricultura, que marginaliza e, em muitos casos, transforma o trabalho do campo em condições análogas ao trabalho escravo. O trabalhador do campo muitas vezes se vê obrigado a sair de seu local, da sua terra, para buscar nas cidades condições de vida e de trabalho dignas.

Vemos com isso, que o professor tem que lidar com grandes desafios em suas ações, não sendo uma tarefa fácil encontrar/produzir conteúdo que tragam a realidade dos sujeitos camponeses, as escolas do campo em sua maioria não têm uma infraestrutura, materiais apropriados, o que dificulta o professor na busca por formas de conduzir suas aulas as crianças lá vivem, os próprios sistemas de ensino não leva em conta suas singularidades dos povos camponeses, apenas reproduzem uma educação/conteúdo da zona urbana. O que podemos ver, é que a professora se preocupa com os conteúdos que procura para os seus alunos, tentando aproximar ao máximo com o que eles conhecem.

Figura 3: Atividade de Matemática e Educação Física

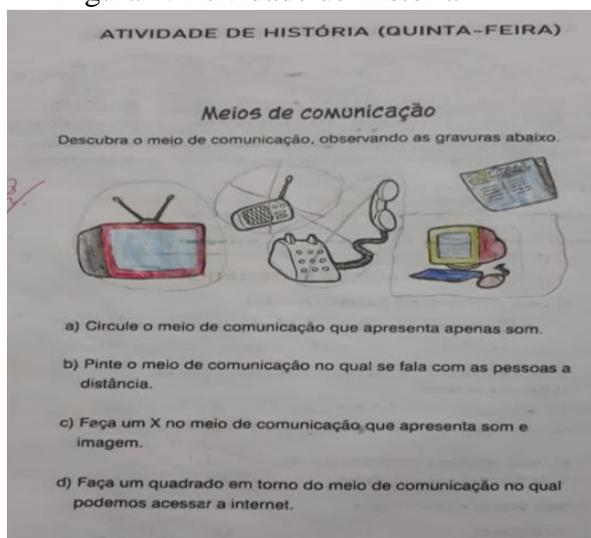


Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Nessa figura 3, vemos a esquerda uma atividade do ensino fundamental (1º, 2º e 3º ano) de matemática para trabalhar com as crianças as quantidades e as formas geométricas através da imagem. A da direita tem questões de matemática e uma atividade de educação física onde trata as brincadeiras de criança a professora pede que elas escrevam do jeito que sabem as brincadeiras representadas pelas imagens sendo essas (ciranda, futebol, peteca, pular corda). Atentamo-nos que nas atividades a professora trouxe imagens em ambas, que podem trazer para as crianças uma familiaridade com o que já conhecem, mas também notamos que há elementos nas imagens que não fazem parte do cotidiano dessas crianças, como a placa de trânsito e a brincadeira da peteca, elas fogem um pouco da sua realidade, já que algumas crianças podem não terem visto ainda ou conhecido o que cada um representa. Vemos duas atividades que busca introduzir assuntos que são impostos pelo sistema, a professora procura formas de ensiná-los usando elementos mais alegres, que chamem sua atenção, mesmo que pouco já que estão em aulas remotas, ela traz atividades que fazem as crianças buscarem a

resposta com o máximo de coisas que sabem. O que é bem difícil para ela avaliar, principalmente pelo fato de não ter um contato pessoal, sabe-se que a maioria das crianças só vão para a cidade em dias de festas para brincarem nos parquinhos que vem nesse dia, embora no percurso até chegar na cidade elas venham de carro, moto ou ônibus não se atentam a placas ou qualquer outro tipo de sinalização, como elas também não têm acesso à internet e nem a celulares, os pais quando tem colocam um valor de crédito mas, utilizam apenas para ligações, o que impossibilita das crianças conhecerem outras coisas que não estejam presentes em seu dia a dia como a brincadeira da peteca. Tentar incorporar em suas aulas, atividades que levem em conta suas realidades não devem estar sendo fáceis, pois, falta a interação entre professor-aluno-aluno necessário para um ensino que favoreça as suas especificidades. O professor tem que buscar por si só formas de se adequar a realidade dos sujeitos, já que eles não têm na maioria das vezes um subsídio do sistema para planejar suas aulas.

Figura 4: Atividade de História



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Nesta figura 4, observamos mais uma atividade do ensino fundamental (1º, 2º e 3º ano) desta vez de História, que busca trabalhar os meios de comunicação, pede para as crianças descobrirem os meios de comunicação observando as gravuras. As questões consistem em circular, pintar, fazer um x e fazer um quadrado, nos meios de comunicação que atendam alguns aspectos específicos. É uma atividade aparentemente simples, mas que pode tornar-se difícil para as crianças, caso não conheçam alguns dos meios de comunicação que estão na gravura. A professora buscou novamente trazer imagens para as atividades como uma forma de ajudá-las, mas alguns elementos não condizem com sua realidade. O trabalho

dessa professora não é uma tarefa fácil uma vez que tem que fazer o que solicitado pelo sistema, para uma realidade campestre, numa turma multisseriada, sem muitas vezes ao menos ter uma formação inicial e/ou continuada para trabalhar nesse ambiente, como aborda Caldart (2012, p. 361), “a formação privilegia a visão urbana, vê os povos-escolas do campo como uma espécie em extinção, e privilegia transportar para as escolas do campo professores da cidade sem vínculos com a cultura e os saberes dos povos do campo”, o que torna o planejamento de suas aulas, atividades, não coincidentes com a realidade campestre, tendo assim, que lidar buscando formas de adaptar-se as diversas dificuldades existentes no mundo rural, que influenciam assim a sua prática.

Figura 5: Atividade de matemática da educação infantil



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Na figura 5, observamos atividades de matemática da educação infantil (maternal, pré I e pré II), podemos ver através das imagens que a professora estava trabalhando com as crianças os números e as quantidades. Vemos a partir dessa atividade de matemática que a professora procura trabalhar a coordenação motora das crianças, como também a noção de espaço com a pintura dos ovinhos de pascoa. Sabemos como é importante a educação e como o começar cedo ajuda no desenvolvimento das crianças nos anos iniciais, isto inclui a educação infantil, isso traz a importância de ter na sua comunidade acesso a uma escola que atenda a essa necessidade campestre de iniciar os estudos das suas crianças no lugar onde morram.

É isso que vem assegurar o Artigo 3º da resolução nº 2, de 28 de abril de 2008 “A Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental serão sempre oferecidos nas

próprias comunidades rurais, evitando-se os processos de nucleação de escolas e de deslocamento das crianças”. Ainda em seu parágrafo “§ 2º Em nenhuma hipótese serão agrupadas em uma mesma turma crianças de Educação Infantil com crianças do Ensino Fundamental”. Desse jeito, a resolução garante que as crianças possam ter acesso à educação sem precisar se locomover para outros lugares (zona urbana), como também a garantia do ensino para sua faixa etária.

## **4 UM DIÁLOGO SOBRE AS DIFICULDADES DIDÁTICO PEDAGÓGICAS DE PROFESSORAS DE UMA ESCOLA RURAL**

Para compreendermos um pouco mais as dificuldades encontradas no ensino, além da análise documental, como informado no item 1.1, realizamos uma entrevista semiestruturada com as duas professoras contratadas da escola escolhida da rede municipal de ensino de Bananeiras para esta pesquisa, a escola Severino Pereira de Melo, durante a entrevista que ocorreu pela plataforma Google Meet, buscamos identificar como as professoras estão lidando com as recentes mudanças no ensino devido a pandemia da Covid-19 e como afetou suas ações pedagógicas. A entrevista ocorreu da forma mais descontraída possível, já que, estávamos conversando por uma ferramenta virtual sem antes ter tido qualquer contato pessoal, deixamos as professoras bem à vontade para responderem as perguntas realizadas. Vamos expor aqui a descrição do áudio da entrevista, utilizaremos a nomenclatura (professora 1 e professora 2) para identificá-las. Com relação a primeira pergunta: “Vocês já atuaram em sala de aula antes da pandemia?”

Professora 1: Eu não né, é minha primeira experiência como professora mesmo, titular de turma, é minha primeira experiência e foi justamente na época da pandemia então é um desafio duplo né. (risos)

Professora 2: Não, eu também não é o primeiro ano.

Nessa primeira questão as professoras nos relataram que ainda não tinham tido contato com a sala de aula. Porém, no decorrer da nossa conversa, elas acabaram dizendo que já trabalharam em sala de aula em escola da cidade. A professora 1 teve experiência de um ano em sala de aula, como residente, do programa residência pedagógica da Universidade Federal da Paraíba-Campus III, a professora 2 nos disse que sim, que já atuou em escola da cidade. Ambas professoras tiveram pouco contato em sala de aula, e nesse ano ao se efetivarem em uma escola passaram e passam por algumas dificuldades, existentes desde muito tempo, como também novas e que só se agravou ainda mais com a pandemia, a mais evidente que elas relatam é que com a pandemia tiveram grandes dificuldades na sua prática pedagógica, em como agir, elaborar, realizar suas ações, visto que não tem contato presencial com as crianças.

Quanto à segunda pergunta: “Como está sendo o dia a dia de vocês virtualmente com os alunos?” Seguem as respostas:

Professora 2: Ta sendo difícil, principalmente alguns alunos não têm acesso a internet alguns pais também não tem, aí fica complicado pra gente, a gente se vira nos trinta... mas é difícil.

Entrevistadora: Sem ter esse contato pessoal com eles né?

Professora 2: É, A falta é grande e é difícil a gente passar os conteúdos pra eles porque alguns pais têm acesso outros não tem.

Professora 1: Isso, realmente, é bem difícil porque quando a gente ta em sala de aula né, eu falo assim pela experiência que eu tive no residência né no programa residência que eu tive esse contato com as crianças, então quando você ta tendo esse contato diário com a criança você ta vendo as necessidades, você consegue ajudar presencialmente né, e assim distante é bem difícil tem essa questão da internet que nem todos tem acesso, tem essa questão que alguns pais consegue ajudar outros não, que a gente sabe que nem todos sabem ler, sabem escrever, também tem essa questão né, então ta sendo bem difícil.

A partir dos relatos das professoras observamos como é difícil acompanhar a aprendizagem dos alunos sem ter uma interação com eles, isso porque, essa falta do contato pessoal, do escutar/falar dificulta a troca de saberes essencial no processo do ensino e aprendizagem, Freire (2019, p. 42) diz que,

[...] uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto.

O professor torna-se um guia, um ser capaz de oportunizar momentos únicos a partir de pequenos gestos na vida de cada uma dessas crianças. Essa troca nas relações tão importante na/para aprendizagem das crianças é ainda maior em turmas multisseriadas, uma vez que, essas turmas apresentam-se em grande parte nas escolas rurais, com uma diversidade de conhecimentos, experiências, o que a torna um espaço cheio de representações significativas, Caldart (2012, p. 315,316) fala que,

A escola multisseriada é uma realidade na educação no e do campo que não pode ser ignorada. As posições sobre a multisseriação são polêmicas e de crítica, por terem a seriação como referência de lógica escolar mais adequada à aprendizagem. Assim, há muito preconceito e desqualificação das escolas multisseriadas, porém elas são uma forma possível e necessária de organização escolar no campo e podem ser referência de qualidade de ensino se organizadas por ciclos e por princípios multidisciplinares.[...] Essas escolas podem/devem se organizar de forma a superar a seriação e a fragmentação do conhecimento, favorecendo um trabalho por ciclos de aprendizagem; essas escolas constroem e mantêm uma relação de reciprocidade, de coletividade, de referência cultural e de organização social nas comunidades em que estão inseridas.

Dando continuidade a esse tópico sobre a internet que foi bastante evidenciado pelas professoras, seguimos, com a terceira pergunta: “A maior dificuldade para vocês está sendo essa falta de acesso deles a internet, para vocês terem esse contato?”

Professora 1: Isso, por assim, por exemplo eu até tenho contato com eles pelo WhatsApp mais, não é aquele contato tão ... como seria presencialmente né diretamente com o aluno vendo as necessidades do aluno, pelo WhatsApp tem aqueles que tem internet, mas também acontece da internet as vezes não ta funcionando, é... que acontece muito né, as vezes a gente ta participando de alguma coisa a internet vai e (risos) né como aconteceu hoje, então assim é bem complicado e a gente vai vai levando da maneira que pode né.

Professora 2: E também tem aqueles pais que não tem tempo né, principalmente as mães que são donas de casa, se senta cinco minutos com o aluno e com o professor ja pergunta quando vai terminar, é difícil.

Como podemos ver a falta de acesso à internet está sendo uma das principais dificuldades nas suas ações de ensino, visto que, com a pandemia a maneira encontrada pelos sistemas de ensino foi modificar todo um contexto de aulas presenciais na escola, para remotas/virtuais em casa. O que não está sendo benéfico para as crianças, principalmente as que moram no campo, a falta de acesso, recurso, não permite muitas vezes que os pais tenham internet em suas casas, fazendo com que as professoras não consigam atender as necessidades/dificuldades dos alunos, não conseguindo assim, construir um aprendizado significativo para com as crianças. Dificultando ainda mais um ato educativo marcado por muitos problemas atrelados à um ensino, historicamente, como visto no referencial teórico, descontextualizado.

Seguindo com relação a quarta pergunta: “Vocês estão tendo planejamento com a secretaria de educação? Tem diferença no planejamento de vocês para a escola do campo para os professores da escola da cidade ou o planejamento é comum entre todos?”, as respostas foram:

Professora 2: Eu mesmo de quinze e quinze dias eu tenho com a supervisora, a gente tem, ela passa orientação pra gente.

Professora 1: Bom, eu acredito que ta sendo igual, tipo um planejamento pra pra geral né, é na minha última reunião, que a gente tem algumas reunião com as supervisoras né que a gente fala como vai ser as atividades e tal e na última a gente falou sobre questão do meio ambiente, então a gente é.. trabalhou essa questão assim, falou né sobre essa questão de se você trabalha com aquele aluno da escola do campo então vamos trabalhar o meio ambiente de acordo a realidade deles, então assim de vez em quando acabam sugerindo algo do tipo, mas assim, no geral, é mais assim pra pra todo o município mesmo.

Entrevistadora: não diferenciam ser campo e cidade no caso? Professora 2: não, é um plano pra os dois.

Não se tem uma diferenciação entre campo e cidade no planejamento dos conteúdos, as professoras apenas seguem o que é solicitado pela secretaria, sabemos como é importante uma educação contextualizada principalmente para a educação campesina, visto que a realidade em que vivem difere bastante da cidade, como Silva (2018, p. 14,15) aborda,

[...]não mais, nem menos que do meio urbano, apenas diferente, e é esse sentido de diferença que tem que se resgatar, apenas no sentido de **ser diferente e não um mais importante em detrimento do outro**. Valorizar as características do espaço rural é essencial para a produção do conhecimento contextualizado em sala de aula, indo muito além das teorias encontradas nos livros didáticos, tal como já vimos em outros momentos, tornar a aprendizagem significativa partindo da realidade que cerca esses educandos, fato que os levará a entender o mundo e propor mudanças para o mesmo.

Embora as professoras não tenham uma formação específica para o planejamento das atividades dessas crianças que vivem no campo, elas procuram adequar sua prática a realidade vivida.

Um falar importante nesse processo foi abordado na quinta pergunta: “Vocês já participaram de alguma formação continuada?”

Professora 1: Ta tendo algumas formações, é... pronto toda quarta feira eu não sei se (professora 2) também tá tendo, mas toda quarta feira eles mandam o link que é algumas formações que tem na quarta né, nem sempre eu consigo participar né até pelas coisas da universidade também, mas de vez em quando sempre tem alguma coisa pra gente participar, alguma formação online né devido a situação, ta sendo virtual também, mas de vez em quando a gente tem sim, pelo menos eu tenho, acredito que (professora 2) também.

Professora 2: não, tenho sim também, nas quartas também.

Entrevistadora: As formações são mais voltadas para o planejamento das aulas ou sobre o ensino remoto?

Professora 2: É mais pro ensino remoto.

Professora 1: Isso, mais pro ensino remoto, mas assim tipo essas ferramentas pra trabalhar a distância e tal.

Ainda se tratando dos planejamentos podemos ver que elas têm formações semanais com supervisores, porém, as reuniões auxiliá-los na realização das aulas remotas. Percebemos que não há uma formação com as professoras para trabalharem com a realidade da escola campesina, sendo muito importante para estas, visto que, o contato anterior de ambas foi em salas de aula em escolas da cidade. Então perguntamos se há alguma outra formação com elas, voltada mais para a realidade campesina, o seguinte: sexta pergunta: “Vocês têm alguma formação continuada, algum projeto da universidade na escola?”

Professora 1: Atualmente sim, é o Prolicen né desenvolvido pela professora Lucicléia, inclusive essa semana a gente vai ter a segunda reunião né, na primeira (professora 2) não pode participar justamente por questão de internet, mas ... (professora 2 falou: Infelizmente). Isso, e começamos acho que faz quase quinze dias que a gente teve o primeiro encontro e essa semana vamos ter o segundo encontro, é encontro né virtual (risos).

As professoras afirmaram ter um projeto de Ensino desenvolvido por uma Docente do Departamento de Educação (DE) do Campus III, ligado ao edital Prolicen da Pró-Reitora de Graduação (PRG), da Universidade Federal da Paraíba, na escola voltado para a realidade campesina, mas que faz poucas semanas que começou e que os encontros acontecem virtualmente. Podemos observar aqui, como a Universidade contribui para uma formação continuada desses professores, oportunizando que eles adquiram cada vez mais conhecimentos, tornando bastante enriquecedor para sua atuação e ações em sala de aula. A resposta da professora nos direciona a sétima pergunta: “A escola dispõe e/ou baseia-se pelos parâmetros curriculares e as diretrizes operacionais para educação Básica do campo?”

Professora 1: Bom, eu acho assim que no geral tem todo um contexto né para se trabalhar na educação do campo, e a gente busca né como é novidade principalmente nesse contexto de pandemia, mas a gente busca trabalhar uma educação mais contextualizada voltada para a educação do campo, lógico seguindo tbm o que vem da secretaria, mas a gente faz nossa parte né.

Então a entrevistadora perguntou: “No caso, vem de vocês esse interesse de colocar no planejamento as diretrizes e os parâmetros, ou a secretaria já repassa alguma coisa envolvendo esses documentos?”

Professora 1: Da secretaria eu acho que até agora eu não sei se (professora 2) recebeu alguma coisa assim específica pra educação do campo, porque, igual a gente estava falando né, que geralmente as formações são mais no geral, é agora nesse projeto da universidade a professora até disponibilizou, é.. materiais voltados para a educação do campo pra que a gente pudesse analisar ter uma ideia de como funciona, mas assim da secretaria especificadamente pelo menos até agora pra mim não veio, e se veio no grupo eu não vi (risos) mas eu acredito que não, eu não sei se pra (professora 2) veio alguma coisa assim específica.

Professora 2: Não pra mim não, mas também eu acho que porque ta de secretaria nova né, ai eu acho que ainda ta ... é.

Professora 1: Toda uma mudança né. E também assim como ta tudo remoto então é todo um processo de adaptação para o que a gente está vivenciando agora, ai complica (risos).

As professoras tiveram um pouco de dificuldade em responder essa sétima questão, então formulamos durante a conversa outra questão “se partia delas o interesse em colocar no seu planejamento as diretrizes e os parâmetros, ou a secretaria passava algo envolvendo esses documentos”, essa mudança na pergunta auxiliou na resposta. Percebemos que elas não tinham acesso aos documentos, uma vez que, relataram que a partir do projeto da Universidade que tiveram acesso a materiais voltados para o campo. O que nos leva aqui a

importância de uma formação direcionada a educação do campo, pois assim, conhecendo, vivenciando essa realidade, o professor vai conseguir elaborar em sua prática métodos que oportunizem para as crianças um ensino levando em consideração suas peculiaridades. Sobre a formação inicial e continuada as Diretrizes Operacionais para a Educação do Campo em seu Parágrafo único Brasil, (2002, p.2) “Os sistemas de ensino, de acordo como artigo 67 da LDB desenvolverão políticas de formação inicial e continuada, habilitando todos os professores leigos e promovendo o aperfeiçoamento permanente dos docentes”.

Quanto as Diretrizes na oitava perguntamos: “Vocês veem a necessidade de aplicar o que vem dizendo nas diretrizes nos conteúdos de vocês, quando vocês planejam? Contextualizar?”

Professora 1: Bom, é importante né a gente trabalhar a partir realidade daquele aluno, e não só se fosse é na zona urbana, mas principalmente na zona rural né na educação do campo, é importante trabalhar a partir daquilo que a criança conhece, daquilo que a criança vive, então é assim a gente vai buscando trabalhar a partir da realidade e das necessidades né daquela criança, das crianças né dos alunos.

Professora 2: E é fundamental, a gente tem que trabalhar a realidade deles né.

Podemos notar que as professoras sabem da importância de levar para as crianças um ensino contextualizado, levando em consideração o que elas conhecem, embora não tenham da secretaria um planejamento voltado para a educação do campo, mas sim, um planejamento comum com as demais escolas do município, elas procuram/buscam trabalhar a partir da realidade das crianças. O que não está sendo tarefa fácil, visto que, sem ter o contato diário e pessoalmente com as crianças, elas não têm uma extensão das dificuldades de cada um e onde é que devem ter mais atenção durante o planejamento das atividades. E sabemos que para uma educação de qualidade, a relação entre professor e aluno é essencial, como Marques, (2012, p. 49) cita, “A educação é um fenômeno que acontece na relação entre as pessoas, na troca entre as diferentes gerações. E toda troca (dar e receber/ensinar e aprender) necessita de generosidade e humildade, pois não há ninguém que saiba tudo, tampouco alguém que não saiba nada”. O que nos levou a questionar, na nona pergunta: “Ambas as turmas são multisseriadas né isso? Como vocês definiriam seus alunos?”

Professora 1: Isso. Professora 2: É.

Professora 1: Nossa (risos) assim né eu acho que num geral, eu não sei se eu poderia definir assim tipo no geral, acho que cada aluno tem a sua especificidades a sua singularidade né, eu percebe pelas atividades que tem aqueles mais comprometidos, é... que devem ter mais ajuda em casa né e que as atividades vem mais organizadinhas e tal, tem aqueles também que demoram um pouco pra pegar as

atividades pra fazer a devolução, então eu acho que não tem como generalizar né, cada um tem a sua especificidade.

Professora 2: No meu caso que eu tenho a educação infantil, é mais complicado, que eles ainda, primeiro ano que vão pra sala de aula, não tiveram acesso a sala né, ai fica mais difícil.

Entrevistadora: Principalmente conhecê-los né sem esse contato pessoal? Professora 2: É isso mesmo.

Como induzimos, as professoras relatam que sem o contato pessoal com as crianças, é muito difícil definir como são seus alunos, a professora 1 se baseia um pouco pelas atividades de seus alunos, mas sem conclusões específicas, cada um tem suas especificidades e as atividades não mostra como são realmente as crianças. A professora 2 encontra ainda mais dificuldades em saber identificar seus alunos, pois ela trabalha com uma turma infantil, o que torna muito difícil para ela tanto conhecê-los, como planejar as aulas sem ter nenhum contato com as crianças que estão entrando pela primeira vez para o ambiente educacional.

Daí, perguntamos, na décima pergunta, “O que vocês acham que diferem o aluno da cidade para o aluno da educação do campo? Vocês utilizam livro didático?”.

Professora 1: Acredito que o que diferencia mais é a própria realidade, porque assim por exemplo, é o aluno do campo ele começa geralmente estudar né, em uma escola do campo a partir da realidade dele, e o aluno da cidade é já digamos que quando começa né estudar já tem aquele contato com conteúdos que geralmente na maioria das vezes já vem direcionado pra educação da cidade, na maioria dos livros didáticos vem assim dessa maneira né, então acho que pra eles acaba sendo mais fácil entre aspas né, é acredito que associar né. E o aluno do campo ele tá acostumado com aquela realidade dele e quando ele sai, porque chega uma hora que ele sai e vai pra cidade, eu falo por experiência própria né, que eu estudei em uma escola do campo e quando eu sai, que eu fui pra escola da cidade foi uma realidade assim, foi um baque pra mim porque totalmente diferente daquilo que eu estava acostumada e foi todo um processo de adaptação, eu acho que o que diferencia mesmo é a realidade de cada um.

Professora 2: É basicamente isso que (professora 1) disse mesmo, que o aluno do campo quando ele vai pra cidade já ele vai com aquele medo.

Professora 1: A gente, que dizer a minha turma né, minha turma recebeu, aliais, alguns dos meus alunos né, porque minha turma é multianual eu tenho alunos do 1, 2 e 3, ai eu recebi livros para o 1 e para o 2 não veio livros para o 3 ano e eu utilizo, sim, e assim eu, na verdade eu faço uma análise daquilo que eu posso trabalhar, daquilo que realmente se encaixa, daquilo que faz parte da realidade da criança, que eu sei que dá pra trabalhar, então eu vou fazendo uma seleção do que eu possa trabalhar.

Professora 2: A educação infantil não tem livro não, a secretaria manda os conteúdos pra gente, a gente planeja em cima dos conteúdos que ela manda.

A maior diferença que professoras consideram é a própria realidade em que cada um está inserido, os alunos do campo, como os da cidade vivem em um ambiente seu, com suas próprias características, no entanto, com o passar do tempo quem tem que se adaptar a uma nova realidade são as crianças que vivem no campo, pois a oferta de continuação dos estudos

só acontece na cidade, o que tende a tornar-se um desafio muito grande para essas crianças, o medo do novo muitas vezes as fazem desistir dos estudos. Já as crianças que vivem na cidade não passam por essa adaptação, elas desde cedo estão inseridas nesse contexto que já é direcionado para uma educação com conteúdo voltados a cidade. Uma prova são os livros didáticos que não fazem distinção entre campo e cidade, o mesmo livro é utilizado nos dois locais.

Sendo bastante difícil para o professor que atua na escola do campo trabalhá-los, pois, seu conteúdo muitas vezes não valoriza, nem apresenta características da cultura campesina para que o professor consiga incorporar em sua aula, isso porque se as crianças não conhecem a realidade trazida por aquele livro, como ela vai aprender/compreender o assunto? Para uma educação de qualidade é preciso que os temas/assuntos proposto façam parte da realidade dos alunos e por isso que professor deve estar sempre em constante aperfeiçoamento de sua prática pedagógica, assim, refletindo positivamente suas ações nos alunos. Por isso, a professora 1 diz que os livros que veio primeiramente não veio para toda a turma e mesmo assim, ela não os utiliza completamente, ela faz uma análise do que dá para ser trabalhado, o que é mais próximo da realidade dos alunos. Com isso, trazemos aqui a importância se ter nas escolas campesinas livros didáticos pensados para a realidade deles, podemos citar o exemplo da coleção “Girassol: saberes e fazeres do campo”, um livro elaborado para sujeitos que vivem no campo, no qual, o professor podia trabalha-lo em sua turma multisseriada de forma transversal atingindo a todos, isso porque, o livro apresenta elementos, imagens, textos, atividades, que remete as singularidades dos sujeitos do mundo rural. Observamos, que tanto as professoras como os alunos sofrem com a falta de materiais ligados a realidade campesina, dificultando assim, no processo de ensino e aprendizagem, Azevedo, (2013, p.4), relata que,

Nesta luta é preciso conceber o livro didático como um dos recursos essenciais, o que não implica dizer que seja o único, do desenrolar de ações ligadas ao processo de construção da identidade social do homem do campo. Com base nesta proposta de formação recorreremos ao uso do livro didático. Buscando possibilidades para o professor explorá-lo melhor, à medida que considere as ilustrações e os textos que fazem menção a vida prática do homem do campo. Desta forma, trabalhando o modo de vida, a cultura, entre outros temas chaves para a construção da identidade e da memória coletiva dos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem das escolas no campo.

Na decima primeira pergunta questionou-se, “Para vocês o que é identidade campesina? Os alunos de vocês têm essa identidade?”

Professora 1: É aquilo que faz parte da da realidade daquele aluno, é a cultura, é o que é próprio daquela localidade, o que faz parte como, todo mundo tem uma cultura, todo mundo tem uma identidade, então a identidade campesina também é importante, é tem uma história, tem uma trajetória por traz de de tudo né então, é basicamente isso.

Professora 2: Concordo com (professora 1).

Professora 1: É bem difícil a gente dá um diagnóstico assim sabe, porque a gente ta bem no início a gente começou em março, abril, maio, estamos em junho né, é bem difícil ter uma uma resposta concreta sobre o assunto, até pela falta desse contato sabe direcionado a criança né, de poder ta com essa criança pra identificar, aí eu acho bem bem difícil assim saber ao certo.

Entrevistadora: “Qual a idade das crianças da educação infantil? Como compreender essa identidade virtualmente nas crianças?”

Professora 2: O ensino infantil eu tenho de 2 anos a 5 anos. Eu acho que fica difícil pra eles compreender.

As professoras deduzem que a identidade campesina é aquilo que faz parte da realidade da comunidade em que estão inseridos, a cultura, toda história que marca aqueles sujeitos. É como Silva, (2018, p. 15) discorre sobre a identidade campesina ela nos diz que é “entender que está intimamente ligada com as transformações ao meio ambiente em que os indivíduos estão inseridos, as mudanças de comportamento, os costumes, as crenças, a organização familiar, dentre outras, vão dando forma a identidade de um povo, ou nação, porém não imutável”. A identidade campesina é baseada no respeito e valorização de todos os traços que a população conquistou, após tantas batalhas que enfrentaram e ainda enfrentam para constituir-se dentro da sociedade.

Também se investigou acerca de “Qual a importância da escola para a vida de seus alunos, como vocês não tiveram esse contato com eles antes da pandemia, o que vocês acreditam que tenha sido essa falta da escola para eles?”

Professora 1: Bom a educação é a base né, a base de tudo então, quando não tem educação a gente fica meio que a deriva né, e eu acho que com a educação infantil, é.. fundamental I que é o meu caso né, é bem complicado porque que é uma fase em que a escola faz muita falta, né, a escola tem um grande significado tem grande importância, principalmente no início né, quando a criança ta começando, então esse tempo de ensino remoto, querendo ou não criou uma lacuna muito grande entre aquilo que a gente já tava acostumado, que a gente já sabe que tem aquelas dificuldades, que sempre tem aquelas dificuldades e o ensino remoto ne devido a situação acabou é.. dificultando ainda mais, infelizmente é o que podemos utilizar no momento, então realmente faz muita falta né.

Professora 2: É basicamente isso que (professora 1) disse que a educação, a escola é que abre janela para o futuro né, principalmente na educação infantil no primeiro ano sem acesso a escola aí dificulta a vida deles e a da gente também, porque é difícil a gente ta nesse ensino remoto.

Com a realização da última pergunta, após as professoras exporem suas opiniões, finalizamos expondo o que nós achávamos sobre a falta da presença em sala de aula, o que induziu as professoras a relatarem mais um pouco.

Entrevistadora: é porque eu acho que você em sala de aula, você estando ali com eles você vai saber onde pra onde levar a turma, e já assim mandando atividades sem muitas vezes ter o retorno delas, sem ter o acesso, quer dizer o contato com os pais fica difícil realmente, eu acho que o pior da pandemia, não que tenha alguma coisa boa na pandemia, mas voltado para a educação, essa falta do contato o estar lá, eu acho que prejudicou muito tanto os alunos, principalmente os alunos né, como os professores que não sabem como seguir, manter, levar as atividade pra que eles consigam produzir em casa de uma forma que eles aprendam, ne, que na sala de aula qualquer dúvida a gente ta lá pra ajudar dar um apoio, e em casa como vocês já disseram não tem como, não sabem como ajudar, eu acho que realmente a pandemia (...)

Professora 2: Porque na sala de aula você tem o contato com o aluno, com o pai todo o dia quando o pai vem trazer e pegar o aluno você tem aquele contato com ele e agora nesse momento que a gente ta vivendo infelizmente são poucos que a gente tem contato.

Professora 1: E assim né, na escola você ta acompanhando aquele desenvolvimento, você sabe onde o aluno tem mais dificuldade, você sabe qual aluno que consegue é .. escrever, que consegue ler você ta vendo, você ta acompanhando, em casa você tem o retorno das atividades, mas as vezes você sabe que aquela atividade as vezes pode ter sido feita por outra pessoa que a gente sabe que acontece, é.. você não sabe se a criança realmente a compreendeu aquela atividade ou fez só porque realmente tinha que fazer e na escola você tem essa oportunidade de saber diretamente com a criança e assim a distância complica muito, eu acho complicado remoto pra mim que sou adulta quem dirá crianças né, que precisa dessa atenção desse cuidado, então é bem difícil.

Ao finalizarmos a entrevista com as professoras, pudemos observar que o ensino principalmente nessa fase inicial, depara-se por diferentes dificuldades. O que a pandemia afetou ainda mais os processos educativos, em todos os níveis. As dificuldades que as professoras encontram são imensas, não tendo um contato pessoal com as crianças o que não permite que elas possam trabalhar com as reais necessidades/dificuldades delas, o ensino remoto/virtual que não acontece por falta de acesso/recursos dos pais, o não retorno das atividades como uma forma da professora identificar um pouco as suas necessidades, pais que não sabem/tem como ajudar os filhos nas atividades e outros que ajudam a mais, salas multisseriadas, a falta de formações/planejamentos contextualizados para a realidade campesina. Muitas destas dificuldades são enfrentadas por diversos professores, de várias escolas diferentes, o que percebemos é que o ensino presencial tem suas lacunas/problemas, mas que ele é muito importante e essencial para as crianças principalmente nessa fase inicial da educação. E o ensino remoto não consegue atingir a todos, causando prejuízos a educação das crianças.

## MINHAS CONSIDERAÇÕES...

A partir do desenvolvimento deste trabalho pudemos perceber um pouco das dificuldades que os professores que atuam na educação vêm passando e como a pandemia da Covid-19 afetou ainda mais o ensino. Os professores vêm tendo que encontrar maneiras para que a educação, o ensino continue acontecendo mesmo à distância, infelizmente, as tentativas para que o ensino chegue a todos não é cumprida, para conseguir atingir a todos não depende apenas dos sistemas educacionais, mas sim, de outras assistências que contemplem as necessidades físicas, econômicas, de muitas localidades que se encontram as crianças.

Na frente dessa batalha por um ensino que contemple a todos temos os professores, que buscam diariamente atender as necessidades de seus alunos, que já era difícil presencialmente, com a distância ficou ainda mais complicado atender as dificuldades dos alunos, eles encontram com o ensino remoto uma barreira muito grande que não conseguem suprir que é as relações de interação entre professor-aluno-aluno, que só a escola, a sala de aula oportuniza. A falta de acesso a seus alunos torna as práticas pedagógicas dos professores um tiro no escuro, pois, não sabe se o que propõem está sendo absorvido/aprendido pelos alunos.

Observamos nas análises de algumas imagens que nos foi enviada, que as professoras procuram mandar para as crianças atividades que leve em consideração a realidade em que estão inseridas, buscam contextualiza-las ao máximo que podem para que as crianças obtenham um aprendizado significativo, não conseguindo realizar com facilidade, como relataram, não tem formações continuadas pela secretária com materiais voltados para o campo, utilizam os mesmos da cidade, não tem livros didáticos para todos os alunos e eles também não são adaptados para o mundo rural, elas fazem uma seleção do que o livro tem e adapta as especificidades campesinas, quando conseguem usar o que o livro dispõe. As professoras estão enfrentando os problemas das escolas campesinas a muito tempo, o que só agravou com a pandemia, pois, agora além de dificuldades estruturais e de materiais, lidam com a falta de relação/interação entre professor e aluno tão importante para a construção do saber do seu alunado.

Podemos observar durante o relato da entrevista com as professoras que as dificuldades na educação dos povos do campo sempre existiram, elas mesmas passaram com isso. Embora, tenham quinzenalmente reuniões com a supervisão, estas não são voltadas para materiais que possam trabalhar no campo, mas sim com o ensino remoto, mesmo sem esse

auxílio da supervisão, elas se preocupam em buscar maneiras de contextualizar suas atividades a realidade dos alunos.

A partir dessa pesquisa pudemos perceber como o ensino voltado para as escolas do campo tem dificuldades em proporcionar uma educação que vise o sujeito rural e suas especificidades. Nos proporcionou uma grande reflexão sobre a construção das práticas pedagógicas que são aplicadas e como devemos olhar o todo, sempre procurando melhorar nossa prática, pois, a educação nunca deve ficar parada/estável, mas sim em constante construção, sempre tentando superar as dificuldades que aparecem.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Ana Viviane Miguel de. Et al. Formação do Docente das Escolas do Campo: contribuições a partir da Coleção Girassol. SILVA, Paulo Roberto Palhano. [et.al]. **Anais do III Seminário de práticas educativas de educação no campo**. Mamanguape: Editora Universitária, UFPB, 2013.
- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dez. de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, dez. 1996.
- BRASIL, Resolução CNE/CEB nº1 de 3 de Abril de 2002. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo**. Brasília, 2002.
- BRASIL. Resolução CNE/CEB/2/2008 - **Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo**. Brasília, 2008.
- BONAMIGO, Carlos Antonio. **Pedagogias que brotam da terra**: um estudo sobre práticas educativas do campo. Porto Alegre, 2007. 219f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – RS.
- CALDART, Roseli Salete. Sobre Educação do Campo. SANTOS, Clarice Aparecida dos (org.). FERNANDES, Bernardo Mançano. [et al.]. **Educação do Campo: campo-políticas públicas-educação**. Brasília: Incra; MDA, 2008.
- CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. CALDART, Roseli. Salete. [et.al]. (org.). **Dicionário da educação do campo**. Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 59. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- JOLY, Martine. Introdução à Análise da Imagem. 70. ed. Lisboa, 1994. Digitalizado por SOUZA, R. 2007. E- Mail: comunicacao.social@hotmail.com.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.
- MARINHO, Ernandes reis. **Um olhar sobre a educação rural Brasileira**. Brasília. Universa. 2008.
- MARQUES, Maria Helena. Como educar bons valores: desafios e caminhos para trilhar uma educação de valor. São Paulo: Paulus, 2012.

OLIVEIRA, Lia Maria Teixeira; CAMPOS, Marília. Educação básica do campo. CALDART, Roseli. Saete. [et.al]. (org.). **Dicionário da educação do campo**. Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

PACHELO, Luci Mary Duso; PIOVESAN, Juliane. Educação do Campo: desafios e perspectivas para a formação docente. **Revista de Ciências Humanas**, Santa Catarina, v. 15, n. 24, jul. 2014.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico** [recurso eletrônico]. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RODRIGUES, Hanslilian Correia Cruz; BONFIM, Hanslivian Correia Cruz. A educação do campo e seus aspectos legais. In: EDUCERE XIII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Formação de professores: contextos, sentidos e práticas**. Curitiba: ISSN 2176-1396, 2017. P. 1273-1387.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, Juliane Paprosqui Marchi da. [et al.]. **Organização do trabalho pedagógico na educação do campo** [recurso eletrônico]. Santa Maria, RS: UFSM, NTE, 2018.

SILVA, Maria do Socorro. Educação do campo e políticas educacionais: avanços, contradições e retrocessos<sup>1</sup>. **Revista Educação e Políticas em Debate**. v. 7, n.1. 30 abr. 2018.

SILVA, Thamyres Ribeiro da. Et.al. Que país é esse? A pátria educadora como algoz das escolas do campo. SILVA, Nilvania dos Santos; Damasceno, Jalmira Linhares. (org.). **Educação do Campo: atuações pedagógicas e agroecológicas**. João Pessoa: Editora as UFPB, 2018.

## APÊNDICE A – Roteiro de entrevista

1. Como vocês atuaram em sala antes da pandemia?
2. E agora durante a pandemia como está sendo o dia a dia de vocês com os alunos?
3. Há dificuldades no seu trabalho em sala de aula/remota? Quais?
4. Há diferenças entre o planejamento que você faz e o que os professores das escolas da cidade fazem? Quais?
5. Vocês já participaram de formações continuadas? Quais? Como foram?
6. Hoje devido pandemia está havendo algum tipo de formação continuada com vocês? Sobre ensino remoto/ e na educação no campo?
7. A escola dispõe e/ou baseia-se pelos parâmetros curriculares e as diretrizes operacionais para educação Básica do campo? Por que?
8. Como você definiria seus alunos? Em que diferem dos da cidade?
9. Para você o que é identidade campesina? Seus alunos têm essa identidade? Por quê?
10. Qual a importância da escola para a vida de seus alunos (antes e depois da Pandemia).

## APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



### UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E AGRÁRIAS CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa de trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia (UFPB/CCHSA). O documento abaixo contém as informações necessárias sobre a pesquisa que está sendo realizada. Sua colaboração neste estudo é muito importante, mas a decisão em participar deve ser sua. Para tanto, leia atentamente as informações abaixo e não se apresse em decidir. Se você não concordar em participar ou quiser desistir em qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você. Se você concordar em participar basta preencher os seus dados e assinar a declaração concordando com a pesquisa. Se você tiver alguma dúvida pode esclarecê-la com o responsável pela pesquisa. Obrigado(a) pela atenção, compreensão e apoio.

Eu, \_\_\_\_\_, portador da Carteira de Identidade \_\_\_\_\_, nascido (a) em \_\_\_\_\_, concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário da pesquisa “Educação no campo: os impactos no ensino de uma escola no campo”.

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Estou ciente que:

1. O estudo se refere a Educação do Campo.
2. A pesquisa é importante porque tem como objetivo: Analisar as dificuldades no ensino dos professores da escola no campo Severino Pereira de Melo.
3. Participarão da pesquisa professoras da educação infantil e fundamental da rede municipal de Município/PB, e que aceitem participar da entrevista semiestruturada.
4. Para conseguir os resultados desejados, a pesquisa será realizada pela plataforma digital Google Meet, ou por outra de preferência da entrevistada, nos horários a serem combinados com as participantes, respeitando as medidas de prevenção da pandemia Covid-19.
5. As participantes deste estudo deverão: (a) ser educadoras na escola selecionada (b) ser adulta, (c) ensinar na educação infantil e/ou fundamental I.
6. As informações obtidas a partir deste estudo serão utilizadas somente para fins acadêmicos, e em caso de divulgação dos resultados ou publicações científicas. A fim

de manter sua privacidade, os dados pessoais não serão mencionados, sendo identificados apenas por codinomes ou iniciais. A entrevista será gravada em áudio.

7. Se, no transcorrer da pesquisa, tiver alguma dúvida ou por qualquer motivo necessitar posso procurar a pesquisadora Nilvania dos Santos Silva ou Camila Mota de Fontes.
8. O participante terá liberdade em não participar ou interromper a sua colaboração com este estudo se assim o desejar, sem necessidade de justificar-se ou fornecer explicações. Sua desistência não acarretará prejuízos ou constrangimentos.
9. Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados ao final desta pesquisa. Estarão disponíveis na biblioteca virtual do CCHSA- UFPB.
10. Tenho a liberdade de não participar ou interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação. A desistência não causará nenhum prejuízo a minha saúde ou bem-estar físico. As informações obtidas neste estudo serão mantidas em sigilo e; em caso de divulgação em publicações científicas, os meus dados pessoais não serão mencionados.

DECLARO, outrossim, que após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto voluntariamente em participar (ou que meu dependente legal participe) desta pesquisa e assino o presente documento em duas vias de igual teor e forma, ficando uma em minha posse.

Bananeiras, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

Pesquisadora Responsável: Nilvania dos Santos Silva

Telefone para contato: (83) 9 8779-6304

E-mail: nilufpb@gmail.com

Pesquisadora Assistente: Camila Mota de Fontes

Telefone para contato: (83) 9 9366-9754

E-mail: camilamatta2595@gmail.com